



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/20563>

DOI: 10.18764/2358-4319v15n3.2022.37

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2022 by EDUFMA. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Narrativas de professores/as iniciantes na constituição de si e suas possibilidades emancipatórias em uma pesquisaformação

Joelson de Sousa Morais¹

Inês Ferreira de Souza Bragança²

RESUMO

O artigo em pauta foi produzido no âmbito de uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação, entre os anos de 2020 e 2021, iniciada de forma presencial e depois desenvolvida remotamente em decorrência da pandemia de Covid-19. A pesquisa contou com a participação de 04 (quatro) professores/as iniciantes, atuantes em duas escolas da rede pública de ensino da cidade de Caxias-MA. Os dispositivos metodológicos utilizados foram: imersão no cotidiano escolar, escritas narrativas, diário de pesquisa e conversas. Quanto aos objetivos, buscou: refletir acerca das contribuições formativas e emancipatórias das narrativas (auto)biográficas na constituição do ser professor/a iniciante, bem como compreender os processos transformadores de si pelas narrativas (auto)biográficas, produzidas na pandemia por docentes em início de carreira. A fundamentação teórica e epistemológica pautou-se pelos princípios da pesquisa narrativa, articulando-se às

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC/UNICAMP), do Grupo Interinstitucional de Pesquisaformação Polifonia (UNICAMP/UERJ) e do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares: Educação, Saúde e Sociedade (UEMA/CNPq). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1893-1316>. E-mail: joelson.morais@ufma.br

² Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora-Portugal. Pós-Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ. Coordena o Grupo Interinstitucional de Pesquisaformação Polifonia, vinculado ao GEPEC (UNICAMP) e ao Vozes da Educação (FFP/UERJ) (<https://grupopolifonia.wordpress.com>). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4782-1167>. E-mail: inesfsb@unicamp.br

perspectivas de emancipação e formação de professores/as à luz de: Josso (2010), Freire (2013), Cunha (2010), Rancière (2018), Bragança; Morais (2021) e outros, trazendo a hermenêutica da narratividade e temporalidade de Ricoeur (2010), no processo de compreensão e interpretação das fontes narrativas. Os resultados revelaram as contribuições das narrativas (auto)biográficas para emancipação, no contexto da formação docente, pela tomada de consciência que o próprio sujeito efetua em sua trajetória profissional pessoal e coletiva na docência.

Palavras-chave: *pesquisaformação*; narrativas (auto)biográficas; professores/as iniciantes.

Narratives of beginning teachers in the constitution of themselves and their emancipatory possibilities in a research-training

ABSTRACT

The article in question was produced within the scope of a (auto)biographical narrative-formation research in education between the years 2020 to 2021, started in person and then remotely as a result of the Covid-19 pandemic. The research had the participation of 04 (four) beginning teachers, working in two public schools in the city of Caxias-MA. The methodological devices used were: immersion in everyday school life, narrative writing, research diary and conversations, with which, with the exception of the first, it had to be prioritized by the use of recordings of remote meetings on the Google Meet digital platform and with the social network. from WhatsApp. As for the objectives, it sought to: reflect on the formative and emancipatory contributions of (auto)biographical narratives in the constitution of being a beginning teacher, as well as understand the transformative processes of the self by the (auto)biographical narratives produced in the pandemic by teachers at the beginning of career. The theoretical and epistemological foundation was guided by the principles of narrative research articulating with the idea of emancipation and teacher training in the light of: Josso (2010), Freire

(2013), Cunha (2010), Rancièrè (2018), Bragança; Morais (2021) and others, bringing Ricoeur's (2010) hermeneutics of narrativity and temporality in the process of understanding and interpreting narrative sources. The results revealed that the idea of emancipation through teacher training narratives would mean a process of becoming aware that the subject himself carries out in his existence, giving conditions to envisage other directions and directions of his existence and other choices that guide his education projects. life.

Keywords: research-training; (auto)biographical narratives; beginning teachers.

Narrativas de docentes principiantes en la constitución de sí mismos y sus posibilidades emancipatorias en una investigación-formación

RESUMEN

El artículo en cuestión se produjo en el marco de una investigación (auto)biográfica de formación narrativa en educación entre los años 2020 y 2021, iniciada de manera presencial y luego a distancia a raíz de la pandemia de la Covid-19. La investigación contó con la participación de 04 (cuatro) profesores principiantes, que trabajan en dos escuelas públicas en la ciudad de Caxias-MA. Los dispositivos metodológicos utilizados fueron: inmersión en la cotidianidad escolar, escritura narrativa, diario de investigación y conversaciones, con lo cual, a excepción del primero, se tuvo que priorizar mediante el uso de grabaciones de encuentros a distancia en la plataforma digital Google Meet y con la red social de WhatsApp. En cuanto a los objetivos, se buscó: reflexionar sobre los aportes formativos y emancipadores de las narrativas (auto)biográficas en la constitución del ser docente principiante, así como comprender los procesos transformadores del yo por las narrativas (auto)biográficas producidas en la pandemia por docentes al inicio de carrera. La fundamentación teórica y epistemológica estuvo guiada por los principios de la investigación narrativa articulada con la idea de emancipación y formación docente a la luz de: Josso (2010), Freire

(2013), Cunha (2010), Rancièrè (2018), Bragança; Morais (2021) y otros, trayendo la hermenéutica de la narratividad y la temporalidad de Ricoeur (2010) en el proceso de comprensión e interpretación de las fuentes narrativas. Los resultados revelaron que la idea de emancipación a través de las narrativas de formación docente significaría un proceso de toma de conciencia que el propio sujeto realiza en su existencia, dando condiciones para vislumbrar otros rumbos y direcciones de su existencia y otras elecciones que orientan sus proyectos de formación. vida.

Palabras clave investigación-formación; narrativas (auto)biográficas; profesores principiantes.

INTRODUÇÃO

De um contar de si mediatizado pelas memórias e narrativas de acontecimentos existenciais do cotidiano a um processo de formação e transformação de si, do outro e do mundo à sua volta: eis como tem se caracterizado a riqueza e a potencialidade das narrativas (auto)biográficas tecidas no desenvolvimento profissional docente de professores/as iniciantes.

São com essas palavras que perspectivamos uma reflexão nesse texto que põe em discussão o caráter emancipatório das narrativas tecidas por uma *pesquisafomação*³ narrativa (auto)biográfica em educação com quatro professores/as iniciantes que atuam em duas escolas públicas da cidade de Caxias-MA.

Devido ao agravamento decorrente da Covid-19, provocando o isolamento social, a pesquisa foi realizada inicialmente de forma presencial (primeiros meses do ano de 2020) e, depois, passou a ser

³ O uso de duas ou mais palavras juntas e em itálico é tributário dos estudos nos/dos/com os cotidianos do qual tem Nilda Alves (2003) e Inês Barbosa de Oliveira (2012) como proeminentes referências dessa corrente de pesquisa que foi inicializada no Brasil desde a década de 1980, fundamentada nos princípios de Certeau (2012). Juntar duas ou mais palavras tem a intenção de romper com o modelo clássico de ciência, dando outros sentidos e significados às palavras, criando outros tantos conhecimentos e formas de expressividade do saber científico.

realizada em outro formato, no caso remotamente, a partir de abril de 2020, dando continuidade no ano de 2021.

Tematizar a ideia da emancipação na formação de professores/as constitui uma discussão complexa, necessária e, ao mesmo tempo, uma reflexão multifacetada. Logo, nos vem os questionamentos: o que significa emancipar-se? Emancipar-se em relação a quê ou a quem? Quem se emancipa? E o que caracteriza processos emancipatórios no contexto da formação de professores/as?

Buscamos nos aproximar de algumas reflexões ao longo desse texto, suscitando ideias com base nesses questionamentos postos, a fim de trazer outras tantas provocações, pautando-se, em nosso caso, pela abordagem narrativa (auto)biográfica.

Sendo assim, o texto apresenta como objetivos: refletir acerca das contribuições formativas e emancipatórias das narrativas (auto)biográficas na constituição do ser professor/a iniciante, bem como compreender os processos transformadores de si pelas narrativas (auto)biográficas produzidas na pandemia por docentes em início de carreira.

Trata-se de um construto pautado pela tese de doutorado em educação, produzida pelo primeiro autor desse texto (MORAIS, 2022) e orientada pela segunda autora, cursada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e desenvolvida entre os anos de 2019 a 2022, pautando-se pela abordagem narrativa (auto)biográfica.

A ideia de emancipação pelas narrativas (auto)biográficas subjaz a um processo pelo qual o sujeito busca produzir uma historicidade voltando para si, praticando uma reflexividade e tomando consciência do processo trilhado, transformando-se e dando curso à sua existência na tessitura de si e de outros tantos projetos formativos e profissionais.

É por esse viés que estamos compreendendo o processo de emancipação do sujeito pelas narrativas de formação, o que tem elucidado potentes reflexões, fundamentando-nos nesse escrito em: Josso (2010), Ricoeur (2010), Freire (2013), Cunha (2010), Rancière (2018), Bragança; Morais (2021) e outros.

De primeiro momento, podemos ousar algumas reflexões com base nas provocações anteriormente feitas, em consonância

com o pensamento de Rancière (2018, p.142), no sentido de que “[...] somente um homem pode emancipar um homem”. Ou seja, os processos de emancipação só são possíveis no meio sociocultural, nas relações estabelecidas com os seres humanos, fruto do convívio e experiências trilhadas por homens e mulheres na constituição de si, do mundo e da sociedade em múltiplos entrelaçamentos e tessituras identitárias.

Com base nessa concepção, podemos recorrer à reflexão que faz Cunha (2010) ao trazer uma potente discussão acerca da emancipação na formação de professores/as pela abordagem narrativa. A autora destaca o poder que o próprio sujeito tem de dar forma a si em sua trajetória impulsionada pela tessitura narrativa das experiências trilhadas.

Tal reflexão está em consonância também com as discussões que vêm se produzindo no campo da pesquisa narrativa (auto)biográfica pela qual temos trilhado como professores/as pesquisadores/as narradores/as situados/as no âmbito da academia, atuantes na formação de professores/as em diálogo com docentes da educação básica.

O texto em pauta, em termos organizacionais apresenta essa primeira parte com algumas reflexões introdutórias acerca do estudo; na segunda parte, contamos como foi produzida a *pesquisaformação* a partir dos princípios metodológicos; na terceira parte, discutimos a perspectiva teórica e epistemológica quanto ao que estamos entendendo sobre formação, emancipação e narrativas (auto)biográficas, entrelaçando tais conceitos e concepções; na quarta parte, refletimos acerca do caráter emancipatório das narrativas (auto)biográficas, trazendo as professoras iniciantes em suas narrações; e na quinta e última parte do texto, ensaiamos algumas reflexões que o estudo trouxe como lições e aprendizados concluídos por ora.

ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS TRILHADOS NA PESQUISA FORMAÇÃO NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

Uma pesquisa que foi se produzindo na contação de histórias de vida, na composição das narrativas (auto)biográficas que aliava cultura pessoal, formativa, acadêmica e profissional. Foi assim que o presente estudo se teceu, em diálogo permanente entre pesquisadores/as e professores/as iniciantes dos anos iniciais do ensino fundamental, participantes da pesquisa.

Um convite que se deu, inicialmente no ano de 2019, ainda no período de encontros presenciais, mas que só foi começando a se consolidar, mais precisamente nos anos de 2020 e 2021, durante o período da pandemia, quando a pesquisa propriamente se iniciou, naquele primeiro momento presencialmente no cotidiano das escolas e, depois, remotamente em decorrência do isolamento social.

Nesse sentido, realizamos uma *pesquisa formação* narrativa (auto)biográfica em educação pautando-se, principalmente, pelos princípios da corrente de *Histórias de vida em formação* que foi promovida pelos pioneiros Marie-Christine Josso, Pierre Dominicé, Matthias Finger (na Universidade de Genebra/Suíça) e com Gaston Pineau (na Universidade de Montreal/Canadá), no início da década de 1980, com práticas de formação, primando pelo uso metodológico das histórias de vida e narrativas (auto)biográficas (JOSSO, 2010).

Uma primeira iniciativa do uso da palavra-conceito *pesquisa formação* nesse formato, pode ser encontrada em Bragança (2018), refletindo acerca da potencialidade dos usos das palavras como abertas a outras múltiplas formas de expressão e significação, agenciando variadas tessituras teóricas e metodológicas no âmbito da abordagem narrativa (auto)biográfica. Vale salientar que o uso do termo *pesquisa formação* é um modo peculiar de escrita na abordagem da pesquisa narrativa que vem sendo produzido no Brasil pelo Grupo Interinstitucional de *Pesquisa formação* Polifonia⁴, o qual

⁴ Grupo este coordenado pela segunda autora desse texto, Profa. Dra. Inês Bragança, que faz parte da Faculdade de Educação (FE), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC) e vinculado também ao Grupo de Pesquisa Vozes da Educação, com sede na Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

busca a inseparabilidade entre os processos de pesquisar e se formar, atribuindo sentidos outros que se pautam pelos estudos nos/dos/com os cotidianos escolares (BRAGANÇA; MORAIS, 2021).

A proposição da *pesquisaformação*, portanto, é aquela em que tanto pesquisadores/as, quanto sujeitos participantes da pesquisa, estão o tempo todo aprendendo, se formando e (auto)formando de forma recíproca e em partilha, sem separar pesquisa de formação, mas, pelo contrário, se retroalimentam, dando subsídios para juntos construírem conhecimentos e aprendizados. Sobre essa corrente de pesquisa com esse formato de escrita que vem se produzindo no cenário brasileiro na última década, reiteramos que:

[...] na *pesquisaformação* não há uma separabilidade entre quem pesquisa e quem se forma, mas uma articulação profícua e simultânea desencadeada nos processos de aprendizagem, formação e constituição da experiência da pesquisa reciprocamente enquanto todos os envolvidos estão se transformando e tecendo uma consciência reflexiva dos percursos e itinerários que tecem ao longo da caminhada trilhada (BRAGANÇA; MORAIS, 2021, p. 300-301).

Portanto, enquanto estamos pesquisando, os processos formativos nos acompanham nesse itinerário, erigindo outras possibilidades de aprendizagens múltiplas e construção de conhecimentos diversos de si, do outro e do mundo pela atividade da narração.

Fizeram parte da pesquisa 04 (quatro) professores/as iniciantes, sendo que três desses/as estavam atuando no 5º ano do Ensino Fundamental em duas escolas públicas de rede de ensino municipal de Caxias-MA, e um foi o professor pesquisador. Os/as docentes estavam exercendo o magistério no segundo ano de experiência como professores/as na mesma escola desde quando iniciaram a profissão.

Os nomes das professoras iniciantes, que fizeram parte da pesquisa são reais, autorizadas pelas mesmas. São assim nominados/as por: Ana Patrícia, Arikelma, Fernanda. Quanto ao pesquisador que dialogou com as mesmas, o nome é Joelson.

Quanto ao perfil dos/as docentes iniciantes, vale ressaltar que todos/as possuem formação em nível superior no curso de Pedagogia (licenciatura), sendo três professoras do sexo feminino atuantes em duas escolas dos anos iniciais, conforme mencionado e em regime de contratação temporária, sujeito à renovação a cada ano. O outro docente do sexo masculino, trata-se do pesquisador que estava em diálogo com as professoras durante o transcurso da pesquisa doutoral na área da educação (MORAIS, 2022). Os dispositivos metodológicos desenvolvidos na pesquisa com os/as professores/as⁵ iniciantes foram: imersão no cotidiano escolar⁶, escritas narrativas, diário de pesquisa e conversas.

Como a pesquisa teve início, de forma presencial, no ano de 2020, mais precisamente nos meses de fevereiro e março, tal estudo passou a sofrer um deslocamento, tendo em vista a chegada do vírus de Covid-19, passando, assim, a provocar uma pandemia que mudou o curso da história, e, certamente da pesquisa e da reorganização dos dispositivos metodológicos para a produção das fontes da pesquisa.

Diante desse contexto, o estudo passou a ser feito remotamente, com o uso da plataforma digital do *Google Meet* e do aplicativo de rede social do *WhatsApp* para ter acesso aos encontros, gravações e registros das conversas com as professoras iniciantes. Depois foram olhadas/ouvidas as gravações, transcritas para o computador as narrativas e feito um processo de filtro das ideias que pudessem emergir sentidos relevantes e significativos para a pesquisa.

Para o processo de compreensão e interpretação das narrativas da pesquisa, primamos pela *hermenêutica da narrativa e temporalidade* de Paul Ricoeur (2010), buscando situar os sentidos atribuídos aos acontecimentos tecidos pela experiência do sujeito em

⁵ O uso da escrita professoras no gênero feminino ocorre quando estivermos nos referindo unicamente a elas participantes da pesquisa, mas quando estivermos implicados/as e envolvidos/as com a pesquisa em diálogo com as docentes, estaremos utilizando o termo professores/as, sinalizando a interação coletiva entre docentes homens e mulheres.

⁶ Esse dispositivo metodológico foi utilizado somente no início de 2020 (fevereiro e março) quando a pesquisa ainda estava se realizando com encontros presenciais. Depois com a pandemia, as configurações da pesquisa mudaram, surgindo outros formatos, incluindo remotamente as plataformas digitais.

um determinado tempo pela linguagem enunciada nos processos de conversação entre pesquisadores/as e professoras iniciantes participantes da pesquisa.

Sobre a hermenêutica na perspectiva de Ricoeur (2010), é válido salientar que essa busca uma compreensão em um processo pelo qual o sujeito apreende o mundo como totalidade, dando-lhe um sentido e coerência tramada pelos acontecimentos de uma experiência vivida em um determinado tempo pelo sujeito.

Por isso, é tão significativo e relevante trazer a proposta da hermenêutica na interpretação e compreensão das fontes de uma pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação, afinal de contas:

Nas narrativas uma multiplicidade de sentidos podem ser revelados, compreensões e interpretações oriundas de quem narra, de quem lê a narrativa ou de quem a ouve, a vê, enfim, dos sujeitos envolvidos na tessitura entre o narrar, compreender e refletir a experiência se compondo em narrativas dos múltiplos aspectos que lhes constituem quando narra o que narra (MORAIS; BRAGANÇA, 2021, p. 12).

Trata-se, pois, de tornar inteligível para si e para o outro o conteúdo e a forma do acontecimento tecido narrativamente, que muitas vezes pode não ter um significado imediato para o leitor/narrador, mas, situando-o em um determinado contexto interpretativo, ganha outros tantos sentidos, reflexões e provoca processos formativos potenciais pela hermenêutica.

FORMAÇÃO, NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA E EMANCIPAÇÃO: relações e imbricamentos

Ao trazer as discussões acerca das narrativas como dispositivo metodológico que se configura de uma riqueza e potencialidade para o processo formativo docente, é preciso salientar alguns conceitos ou concepções que consideramos fundamentais elucidar nesse texto, quais sejam: o conceito de formação, narrativas (auto)biográficas e emancipação.

Antes disso, algumas questões nos ajudam a disparar nosso pensamento nesse texto, quais sejam: O que significa emancipar-se no contexto de abordagens narrativas (auto)biográficas? Qual o poder (trans)formador e emancipatório das narrativas no processo de formação e desenvolvimento profissional de professores/as iniciantes?

Assim, a ideia de formação em sentido amplo, pode ser entendida

“[...] como um processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa que se realiza com um duplo efeito de maturação interna e de possibilidades de aprendizagem, de experiência dos sujeitos” (MARCELO GARCIA, 1999, p. 19. Grifos do autor).

No contexto da abordagem narrativa, podemos trazer três potentes reflexões sobre a formação. Uma proposta por Souza (2010), a outra por Josso (2010) e uma terceira por Dominicé (2012), para, a seguir, refletirmos acerca da emancipação em Cunha (2010), Rancière (2018) e Freire (2013). Vejamos como se tece esse entrelaçamento.

A primeira condiz com a ideia de que a formação é entendida por nós “[...] como um movimento constante e contínuo de construção e reconstrução da aprendizagem pessoal e profissional, envolvendo saberes, experiências e práticas” (SOUZA, 2010, p. 158). Nesse sentido, trata-se de uma formação como processo em que o sujeito se situa ao longo da vida, aprendendo como condição fundante de sua existência no mundo, como ser incompleto e inconcluso em busca da construção de novos saberes, conhecimentos e experiências.

A segunda perspectiva é a que se articula intrinsecamente à proposta dessa seção, no que se refere mais precisamente à ideia de uma formação tecida pela experiência mediada pelos registros do sujeito como um caminhar para si, invocando a memória, experiência e narração nos itinerários trilhados no decurso da vida. Logo, tal ideia está em consonância com as proposições de Josso (2010), com a qual temos fundamentado nossos estudos e pesquisas no âmbito de uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação, e que a

autora vai designar por formação experiencial. Nas palavras da autora, tal reflexão é cara para nós:

[...] a formação experiencial designa a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou involuntária em termos de competências existenciais (somativas, afetivas, conscienciais), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendente em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registos (JOSSO, 2010, p. 56)

Em outras palavras, o sujeito cria alternativas e proposições que estejam relacionadas às suas experiências vividas, dando sentido e coerência ao que pensa e faz, perspectivando outras possibilidades de construção de outros tantos referenciais formativos e de aprendizagem, constituindo-se por meio de variadas identidades ao longo do tempo, tecendo, assim, uma formação que é, ao mesmo tempo, formadora e transformadora de si, de sua existência, com os outros e o mundo, em um singular-plural.

No que concerne ao propósito circunstancial com que se configura a tessitura narrativa (auto)biográfica no processo de formação de professores/as, por meio dessa prática é possível perceber, diante da memória evocada pelo sujeito disparando a sua narração, o caráter formativo e transformador que passa a emergir dessa atividade. Ou como bem salienta Dominicé (2012, p. 26), “a formação seria produzida no curso da história de uma vida e se tornaria seu ponto culminante no momento de seu relato. Em outros termos, a formação se daria a conhecer na história biográfica, considerada ao mesmo tempo como processo e como produto”.

É, portanto, no momento em que emerge a narrativa da experiência do sujeito fruto do que viveu no passado evocando pela memória, que suscita um conjunto de reflexões que passam a ganhar um maior sentido e coerência para si, inaugurando um processo de formação tecida e deliberada pela consciência nessa dinâmica entre lembrar, narrar e refletir acerca do narrado.

A partir das reflexões até o momento empreendidas, cabe situarmos a seguinte proposição indagadora: onde e de que forma se reflete o caráter emancipatório das narrativas na/de formação docente?

Talvez, possamos refletir com Cunha (2010), a quem traz, exatamente uma reflexão sobre como se tece esse processo emancipatório das narrativas na formação docente. Segundo a autora:

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao “ouvir” a si mesmo ou ao “ler” seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória (CUNHA, 2010, p. 201).

Diante dessa consideração, no momento de narrar-se ou narrar sua experiência vivida atravessada por muitos outros, o sujeito passa a refletir o que viveu dos percursos trilhados para se lembrar mediado pela memória, passando a perspectivar um voltar para si, tomando consciência e passando a se transformar. Eis, que reside o caráter emancipatório: ver-se pela narração, refletir, tomar consciência e se transformar nesse processo. Um movimento singular, pessoal e dialeticamente coletivo, já que as experiências narrativas têm como fonte as experiências sociais e coletivas.

Do mesmo modo, a ideia de emancipação ganha fertilidade pelo pensamento de Paulo Freire (2013), que, em *Pedagogia do Oprimido*, nos provoca a pensar que pela palavra, na narração, o sujeito desnuda o mundo e a si próprio, criando possibilidades outras de lutar contra a opressão para conquistar a emancipação e dar curso a sua existência, de forma autônoma, livre e criativa no meio em que vive. A emancipação, portanto, seria promovida pela narração de histórias de vida, aprendizagem e formação tecida pelo próprio

sujeito a partir de sua cultura, do seu mundo circundante, possibilitando estados de conscientização e transformação.

Ao elaborar uma narrativa, portanto, o sujeito (re)inventa-se, singularizando-se e caracterizando sua experiência que, portanto, é irrepetível e intransferível, e assim, produz um outro de si do qual anterior ao processo de narrar não se fazia presente em sua vida. Seria bem como uma constituição de si pela atividade da narração. Afinal de contas, “formar-se é aprender o caminho da desfiguração em resposta ao apelo de si para, a seguir, constituir-se numa nova figura” (PEREIRA, 2016, p.129).

Ou como bem salienta uma reflexão do âmbito da filosofia que convém trazer no que concerne à emancipação intelectual:

Essa é a única vantagem, a vantagem única da emancipação intelectual: cada cidadão é também um homem que realiza uma *obra*, com a pluma, com a purina ou qualquer outro instrumento. Cada inferior superior é também um igual, que narra e faz com que o outro narre o que viu (RANCIÈRE, 2018, p. 150. grifos do autor).

Passamos agora, a trazer as narrativas dos/as professores/as iniciantes, buscando refletir como as narrativas (auto)biográficas têm se configurado como uma perspectiva formativa e emancipatória na formação docente, questões essas que serão discutidas na seção, a seguir.

O CARÁTER EMANCIPATÓRIO DAS NARRATIVAS NA FORMAÇÃO DOCENTE: desvelando o contexto da *pesquisiformação*

Nessa parte do texto, trazemos os resultados a que chegamos no desenvolvimento da *pesquisiformação*, com as narrativas dos/as professores/as iniciantes que foram tecidas em processos de conversas realizadas remotamente na pandemia entre os anos de 2020 e 2021.

A perspectiva é tirar lições e aprendizados construídos mediante o caráter emancipatório das narrativas na formação docente e em outras tantas dimensões da vida com que conseguiram revelar os/as docentes em suas narrações, protagonizando-se diante de suas experiências e autorizando-se a tecer sua própria formação e a construção de outros mundos possíveis pela narração.

É por meio das narrativas (auto)biográficas em que o sujeito passa a criar uma marca outra de si, materializando-se pelo narrar, o que outrora estava apenas no plano do pensamento, tecendo, assim, a sua autoralidade e protagonizando-se, deixando de ser coadjuvante de sua vida e do processo formativo. É bem como nos provoca a literatura sobre o vir a ser do sujeito, ou seja, “vir a ser, essa é a essência do sujeito. Alcançar formas temporárias, contextualizadas, resultado de movimento de reorganização das suas próprias marcas, reatualizadas por acontecimentos que produzem estados diferentes de ser. Ser o ainda não sido, diferir” (PEREIRA, 2016, p. 112).

Segundo narra a professora Fernanda, em conversa com um/a dos/as pesquisadores/as, chega-se a perceber as mudanças geradas tanto em seu trabalho pedagógico, quanto na percepção de outras transformações de si e do que poderia realizar futuramente, que foram imprimindo na docente uma marca ao rememorar os acontecimentos ocasionados por ser professora na pandemia. Conforme a conversa, expressa o seguinte:

- **Prof. Joelson:** teve alguma coisa assim que consegui contribuir nesse período de distanciamento com a escola, com as crianças e tal? Teve alguma coisa positiva, alguma que contribuiu na tua formação, na tua prática, na tua vida de professora? Alguma coisa assim que, opa! Ascendeu uma luz [estalo os dedos]?

- **Profa. Fernanda:** [ficou em dúvida]. Assim, nem tanto, eu não sei nem lhe responder essa pergunta...

- Porque eu fico pensando assim, que diante da situação, o que deu pra perceber é que nós somos capazes de fazer muitas coisas, além daquela rotina ali que a gente tem.

- **Prof. Joelson:** Ah, entendi [fiquei surpreso e encantando com a resposta da professora].

- **Profa. Fernanda:** Mas pra isso...
- **Prof. Joelson:** Mas você está se referindo assim, a outras coisas que tu passou a criar em função dessa nova realidade de aulas, dessa nova configuração remotamente, é isso ou não?
- **Profa. Fernanda:** Sim. O que eu tô tentando lhe dizer é que nós somos, com toda essa situação, do lado pedagógico, o que eu posso pensar é o seguinte, o que foi positivo é que a gente tem, digamos capacidade de tá trabalhando até melhor, quando eu digo assim é porque é o seguinte, eu posso tá fazendo o uso de outros recursos na sala de aula. Entendeu? (Narrativa da conversa do professor Joelson com a professora Fernanda, 01 jul. 2020).

Como é possível perceber, foi no processo de narrar a experiência mediada pela conversa que a professora Fernanda conseguiu se ver diante do ser docente nessa outra configuração de transformações intensivas no início da profissionalização, e que mostrou outras possibilidades de se ver, fazer e pensar a educação, a sua prática pedagógica e a própria continuidade do processo educativo e pedagógico no cenário pandêmico.

É justamente essa tomada de consciência pela reflexão narrativa de formação que o sujeito pensa o seu lugar, como pensa a si próprio e o que está fazendo em se tratando de sua prática pedagógica, buscando delinear outros percursos que possam trazer uma significação constituída de sentidos de sua existência, formação e profissão. Por isso, cabe reforçar que a professora Fernanda conseguiu ver-se por outros ângulos e modos de pensar e fazer a sua prática, corroborando com o fato de que “a perspectiva de trabalhar com as narrativas tem o propósito de fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma” (CUNHA, 2010, p. 203).

Outra docente, a Ana Patrícia faz uma reflexão a partir de sua experiência trilhada como professora iniciante, situando as mudanças que conseguiu perceber de sua caminhada na educação e dos acontecimentos, principalmente, experienciados com as crianças no processo de ensino e aprendizagem. Narra tais experiências, colocando-se como uma pessoa que também foi transformada pela

educação, conforme em outras tantas conversas que com ela tivemos. Assim, narra a docente a esse respeito:

Acredito no poder de influência que um mestre tem na vida de seus alunos, que, para além do conhecimento formal pode inspirar e transformar o destino de seus alunos, levando-os através do amor ao conhecimento, do despertar neles a importância do saber e também do estímulo da sua autoestima, pode mudar realidades em cada cantinho desse país, em cada escola, em cada realidade, pois, eu creio, que os professores marcam histórias para o sucesso ou para o fracasso, por isso, é uma responsabilidade muito grande, é mais que uma profissão, é uma missão, que muitas vezes é árdua e suga sua vida pessoal, mas, é regada à lembranças de rostinhos de esperanças e sorrisos de gratidão (Narrativa da professora Ana Patrícia, 14 mar. 2021)

É relevante a capacidade de percepção da docente Ana, quando faz um mergulho em si, para tirar da memória lições e aprendizados que ganham curso em sua narração. É um contar ao mesmo tempo implicado, em que dá para notar, pela narrativa, o mergulho que faz a docente em sua reflexividade (auto)biográfica que é formadora e transformadora.

Além do mais, sua escrita traz um teor de sentimento, afetividade e emoção, pautando-se pelas experiências de perceber o seu trabalho e se lembrar das crianças (seus alunos e alunas), com uma dimensão de preocupação e comprometimento que demonstra a professora por meio de sua narrativa.

Mediante o exposto na narrativa anterior, pensamos ser bem um modo de narrar na perspectiva freireana, em que a docente se vê implicada com seus educandos na promoção de outros mundos possíveis pela aprendizagem, construção de conhecimentos e formação, em que ambos constroem pela comunicação, em uma educação problematizadora. Daí, o fato de que faz muito sentido, “que o pensar do educador somente ganha autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação” (FREIRE, 2013, p. 89).

É esse debruçar-se diante de si pela reflexividade gerando uma consciência na qual reside o poder emancipatório das narrativas de formação docente, pois a professora vê-se implicada em uma experiência de aprender, mas também de ensinar e educar, pelos quais se transforma e também permite a transformação de outras vidas, no caso de seus/suas alunos/as mediatizadas pela educação escolar.

A professora iniciante Ana Patrícia, se faz e se refaz pela linguagem, tecendo uma reflexividade narrativa formadora, transformadora e emancipatória, na qual se vê pelo que narrou durante a conversa que juntos tivemos. É nesse processo que pensamos que “cada sujeito falante é o poeta de si próprio e das coisas” (RANCIÈRE, 2018, p. 121).

No âmbito da hermenêutica ricoeuriana, podemos tecer a reflexão de que pela atividade de narrar, os sujeitos praticam uma necessidade pautada pelo universo cultural do qual fazemos parte, produzindo uma história pela narração, ou nas palavras do autor “existe, entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural” (RICOEUR, 2010, p. 91).

Ana Patrícia, portanto, produziu uma história de si, de sua prática e de suas concepções e entendimentos do ser docente no período pandêmico, quando passou a narrar os acontecimentos enfrentados nesse cenário de incertezas que trouxe deslocamentos e mudanças de sentido e direção do saber ser, fazer e pensar, gerando transformações intensivas.

Nesse contexto de intensas e profundas mudanças ocasionadas pelo período pandêmico, encontramos na narrativa de outra professora um misto de ansiedade, misturado com incertezas e, ao mesmo tempo, tristeza por não saber o que poderá fazer em sua prática pedagógica e como será o dia seguinte, em relação ao retorno ou não de encontros presenciais no cotidiano escolar, em decorrência da pandemia. Segundo a docente:

- Na verdade eu tava muito ansiosa pra volta as aulas, porque, eu só em casa, e é porque detalhe eu

não fico só dentro de casa, eu desço pra casa da mãe, e tem as aulas dos meninos também, porque todo dia pela manhã são duas, eu entro no computador em uma e no celular em outra, e fico acompanhando e tem que acompanhar os dois, porque, assim, não tá essa tranquilidade, mas a gente sempre tá... assim, eu não sei porque eu não sou de ficar em casa só esperando, eu sinto falta do trabalho, [nesse momento a docente solta um riso misturado com um desabafo com emoção, sentindo-se impactada]. Aí eu tava muito ansiosa, quando eles chamaram a gente lá em agosto pra fazer essa reunião, falou que ia voltar e tudo, aí eu fiquei tipo assim, porque eles fizeram toda uma norma de segurança, “não vai ser tranquilo, com fé em Deus, Deus vai continuar nos acompanhando, pra não pegar essa doença aí...”. Mas, aí depois quando começou setembro, e tudo, eu já fiquei desanimada de novo, porque aí eles não falaram mais no assunto, mas... estamos aqui... (Narrativa da professora Arikelma, 10 set. 2020)

A narração anterior, mostra o momento em que a docente conta um pouco de sua vida cotidiana no cuidado e acompanhamento que está tendo com seus dois filhos (uma menina e um menino em fase escolar – educação infantil e primeiras séries dos anos iniciais), situando, ao mesmo tempo, no retorno que a escola estava perspectivando e discutindo com os/as professores/as da escola, mas, ainda sem saber muito bem como seria.

Pela narrativa, é possível perceber as características de: ansiedade, incerteza e tristeza, que habitou o universo existencial da docente. Foram esses e outros aspectos que a pandemia gerou na professora Arikelma, e que poderia se manifestar em outros/as tantos/as professores/as que foram, aos poucos, se descobrindo ou mesmo, tecendo identidades pessoais e profissionais nesse período pandêmico.

Um conjunto de sentimentos e sensações foram aflorados pela docente, mostrando, assim, a capacidade que tem as narrativas (auto)biográficas de fazer emergir outros tantos saberes, conhecimentos e aprendizados de si, do outro e do mundo à sua

volta que impulsionam mudanças significativas no curso da vida pessoal, formativa e profissional.

Eis, que pelas narrativas os sujeitos podem praticar uma experiência formadora que emerge das buscas de si em uma reflexividade mediatizada pela consciência e impulsionada pela aprendizagem. Afinal de contas, no âmbito de uma *pesquisaformação* “as experiências de vida de um indivíduo são formadoras na medida em que, *a priori* ou *a posteriori*, é possível explicitar o que foi aprendido (iniciar, integrar, subordinar), em termos de capacidade, de saber-fazer, de saber pensar e de saber situar-se” (JOSSO, 2010, p. 266).

Portanto, ousamos dizer que a docente iniciante viveu uma experiência formadora, pois passou a se ver com outros olhos, constituindo outras identidades pessoais e profissionais pela reflexividade narrativa. Nesse sentido, pensamos no processo de interpretação e compreensão operado pela hermenêutica como temos adotado nesse trabalho, que “é tarefa da hermenêutica reconstruir o conjunto das operações pelas quais uma obra se destaca do fundo opaco do viver, do agir e do sofrer, para ser dada por um autor a um leitor que a recebe e assim muda o seu agir” (RICOEUR, 2010, p. 94).

Ao contar um pouco de sua história de vida, a professora Fernanda dispara uma narrativa pautada pela esperança que a educação pode significar na vida das pessoas e de seus/suas alunos/as, se aproximando um pouco do que já havia narrado a professora Ana Patrícia, anteriormente. Faz tal provocação, situando-se também pelas transformações sociais, formativas, pessoais, econômicas e culturais, bem como de outras dimensões pelas quais passou e conseguiu se transformar pela educação. Em um trecho da narrativa de sua história de vida, assim, narra a docente:

[...] Então, hoje no meu pensamento, vejo que só através da educação é capaz de transformar vidas e também sonhos em realidade, isso é o que eu penso: que nós só podemos mudar a nossa vida, a partir do momento em que nós estudamos que nossos sonhos serão possíveis. (Narrativa da professora Fernanda, 15 mar. 2021)

Com base nessa reflexividade narrativa, é possível perceber a entrega que faz a docente pela narração, tecendo um texto até quase poético e carregado de emoções e sentimentos. O que faz uma diferença crucial no processo formativo docente, pois o sujeito passa não somente a contar suas experiências, mas a si perceber, tomando consciência de seus percursos trilhados, construindo uma historicidade e dando condições de guiar seus projetos de futuro em busca de outras conquistas e dias melhores.

Consoante a narrativa anterior, podemos inferir a dimensão humanizadora com que reflete a docente ao expressar um conjunto de emocionalidades e sentimentalidades quando situa o papel da educação em sua vida e com o que está realizando no momento, a propósito de sua prática pedagógica na pandemia, no processo de constituir-se como professora. Está, portanto, a docente tecendo outras identidades profissionais da docência pelas descobertas de si mediatizadas pela narração. É sob esse ponto que refletimos que “[...] as experiências que descrevem concretamente um processo de formação podem assim ser perspectivadas pela maneira como o autor da narrativa compreende a sua humanidade por meio das transações nas quais ela se objetiva” (JOSSO, 2010, p. 39).

Eis, a razão que reside a riqueza e a potencialidade da narração na formação docente: olhar-se para poder tirar lições, deixando para trás acontecimentos que não contribuem ou contribuíram em sua vida e percurso formativo, e construindo outras possibilidades das buscas de si, da felicidade e de novos caminhos a seguir com sentido, envolvimento e esperando dias melhores.

É bem um processo de humanização que os/as professores/as iniciantes vão praticando pela arte da narração, tirando lições e promovendo processos potencialmente significativos e emancipatórios ao dizer a sua palavra em comunhão com o outro, no caso seus/suas educandos/as. Isso implica, “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma *coisa* que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2013, p. 93. Grifos do autor).

Notamos a riqueza e o modo implicado e bastante envolvente com que narrou a professora Fernanda, tanto que no diário de

pesquisa de um dos pesquisadores, assim foi registrando, por escrito, o encantamento que teve fruto das conversas estabelecidas durante a *pesquisaformação*:

Por esses e outros momentos narrados pela professora Fernanda, construí um conjunto de saberes e conhecimentos que modificou bastante o meu estado de espírito no momento e um repensar da *pesquisaformação*, tendo em vista que extrapolou assuntos e saberes da profissão e prática pedagógica e sim mostrou outros perfis ou identidades tanto dela, quanto de mim. E nesse momento de ver-se com os olhos de si com o outro e do outro para mim, estando junto, bem aos moldes bakhtinianos, que os sentidos, riqueza e potencialidade de uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica alarga-se e engendra um conjunto de possibilidades transformadoras e conscienciais. Razão de ser dessa epistemologia! (Narrativa do professor Joelson, 29 dez. 2021)

Nesse sentido, essa narrativa mostra quão significativa e transformadora é desenvolver uma *pesquisaformação*, pois, ao mesmo tempo em que estamos nos formando durante o processo de pesquisa, estamos também percebendo essas transformações, dando forma e sentido aos percursos trilhados, praticando uma (auto)formação pela reflexividade narrativa e tecendo uma consciência transformadora e emancipatória.

A esse respeito, cabe elucidar os princípios de uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica desenvolvida por Morais (2022) em sua tese de doutorado em educação, a qual se reflete profundamente esse texto. Segundo o autor:

[...] a *pesquisaformação* é um dispositivo potencial que vem transformando os modos de fazer pesquisa e se formar, simultaneamente, com o uso das narrativas (auto)biográficas, trazendo o sujeito para o centro do debate e das discussões, o que tem feito diferença tanto na academia, quanto na sua articulação com outras instâncias socioculturais, sendo a escola uma dessas instituições, dentre

outras, que se retroalimentam dando vigor, sentido e significado à vida, aprendizagem, formação e construção do conhecimento científico (MORAIS, 2022, p. 71).

Diante das narrativas apresentadas nesse estudo com as/os professoras/es iniciantes, podemos perceber a importância com que se configura a tessitura de outros tantos saberes e conhecimentos que contribuem para a emancipação social. São, portanto, os movimentos de outros tantos currículos, corroborando para a compreensão de si, do outro e do mundo pelas narrativas de formação, que fazem emergir um processo de transformação e emancipação dos sujeitos no contexto de escolarização. E mesmo, em se tratando da pandemia, isso foi possível acontecer.

Por isso, acreditamos que com a presente *pesquisaformação*, tanto para nós pesquisadores/as como para os/as professores/as iniciantes participantes da pesquisa, houve mudanças nos modos de ser, pensar e fazer a pesquisa, a educação e a formação no período da pandemia, em que os sujeitos se viram e perceberam tal transformação pela narração, erigindo, assim, um contributo a uma justiça cognitiva e social. Ou como bem salienta os estudiosos nos/dos/com os cotidianos, a quem temos uma profunda implicação teórica, metodológica e epistemológica:

[...] a tessitura da justiça cognitiva é condição da tessitura da justiça social, voltada para o reconhecimento e horizontalização/ecologização da relação entre os diferentes conhecimentos e culturas e que nas escolas são desenvolvidas práticas curriculares emancipatórias, ou seja, que contribuem com essa tessitura (OLIVEIRA, 2012, p. 24).

Desse modo, refletimos que a *pesquisaformação* propiciou outros tantos elementos de referência para situar a formação de professores/as iniciantes tecidas em narrativas (auto)biográficas na promoção de uma formação emancipatória, trazendo o processo de narrar como impulsionador dessa constituição de si, do outro e do mundo à sua volta. Eis, que praticaram uma ecologia de saberes,

conhecimentos e transformações pela conscientização que conseguiram tecer narrativamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as narrativas (auto)biográficas, podemos ir além de um universo preconizado pelas hegemonias dominantes, podendo promover outros mundos possíveis de transformação pela narração e emancipação, isto é, fazer emergir e brotar outros sentidos e significações da aprendizagem, formação e construção de conhecimentos na formação humana e de professores/as, em especial.

Tecer narrativas no processo formativo docente permite descortinar outros cenários profícuos da vida e profissão, além de sinalizar modos de construir saberes e currículos em busca da emancipação intelectual e cognitiva, a quem tanto nos é cara na formação e no trabalho docente.

A ideia de emancipação pelas narrativas de formação docente significaria um processo de tomada de consciência que o próprio sujeito efetua em sua existência, dando condições de perspectivar outros rumos e direções de sua existência e de outras escolhas que guiem seus projetos pessoais-coletivos, de forma autônoma, crítica, livre e significativa.

Emancipar-se, significa criar outras tantas possibilidades formativas que sejam pautadas em projetos existenciais do sujeito; significa criar um conjunto de possibilidades que deem sustentação e vigor ao que pensa, faz e pretende fazer na vida, formação e profissão. Pensamos ainda, como Rancière (2018, p. 183. Grifos do autor) que só faz sentido uma formação emancipatória quando pautada pela igualdade e horizontalidade das relações, aprendizagens e construção de múltiplos saberes e conhecimentos de si, do mundo e do outro, tal como preconizava o filósofo, ou seja, “bastaria aprender a ser homens iguais em uma sociedade desigual – é isto que *emancipar* significa”.

As professoras iniciantes da presente *pesquisaformação* conseguiram constituir outras múltiplas identidades que foram se tecendo nos processos de socialização e aprendizagem profissional

da docência nesse período da pandemia. Perceberam-se, pela atividade de narração, dando outras significações e perfis identitários, transformando-se e buscando alternativas outras que pudessem empreender em sua prática pedagógica e praticando uma (auto)formação, conscientizada, crítica e reflexiva no transcurso da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 4, n. 7-8, p.1-8, jan./dez. 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967/16939>. Acesso em: 12 jul. 2022.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, M. H; M. B.; CUNHA, J. L. da; BÔAS, L. V. (Orgs). **Pesquisa narrativa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018. p.65-81.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; MORAIS, Joelson de Sousa. Experiências narrativas de professoras iniciantes: movimentos de socialização no cotidiano escolar. **Espaço pedagógico**, v. 28, n. 1, Passo Fundo, p. 297-320, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/11455/114116094>. Acesso em: 30 mar. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 19. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CUNHA, Maria Isabel da. Narrativas e formação de professores: uma abordagem emancipatória. In.: SOUZA, Elizeu Clementino de; GALLEGOS, Rita de Cassia (Orgs.). **Espaços, tempos e gerações**: perspectivas (auto)biográficas. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DOMINICÉ, Pierre. A epistemologia da formação ou como pensar a formação. In.: MACEDO, R. S. et al. **Currículo e processos**

formativos: experiências, saberes e culturas. Salvador: EDUFBA, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54.ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e terra, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores:** para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora: 1999.

MORAIS, Joelson de Sousa. **Fios e tramas em contextos de pesquisaformação e suas implicações na tessitura narrativa de professores/as iniciantes**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2022. 259p. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1237977>. Acesso em: 29 nov. 2022.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica: da tessitura de fontes aos desafios da interpretação hermenêutica. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e75612, 2021. DOSSIÊ - A dimensão biográfica como processo de formação e de compreensão de si e do mundo. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/75612/43500>. Acesso em: 24 mar. 2022.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade:** um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle. 3.ed. 7. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, v. 1.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Acompanhar e formar, mediar e iniciar: pesquisa (auto)biográfica e formação de formadores. In.: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian da (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

Recebido em: *Agosto/2022*.

Aprovado em: *Outubro/2022*.